



Um puro-sangue na África

Em 1972, Jan Balder participou de uma corrida em Nova Lisboa (atual Huambo), em Angola — então colônia portuguesa. Ele relembra sua atuação na única vez em que pilotou um Porsche.

Texto: Jan Balder

Fotos: arquivo Jan Balder

Em 1972, fui convidado para disputar, em dupla com Norman Casari, a segunda edição da Seis Horas de Nova Lisboa, em Angola, na África portuguesa. Havíamos estado lá no ano anterior, mas problemas mecânicos em nossa Lola T70 não permitiram alinhar na corrida. Semanas depois, em Interlagos, ela foi destruída pelo fogo na curva 3 de Interlagos, quando era pilotada pelo próprio Norman.

Estávamos sem carro, mas os simpáticos organizadores portugueses em Angola alugaram um Porsche 907 de uma equipe suíça. Fiquei entusiasmado: eu nunca havia sentado em um Porsche de corrida. A equipe, Wicky Racing Team, era particular e tinha três Porsche — exatamente os modelos de corrida da marca que existiam no Brasil: 908, 910 (iguais aos utilizados pela equipe Hollywood) e 907 (de Angi Munhoz e Freddy Giorgi). Depois de recepcionados pelo proprietário da equipe, André Wicky, fomos à oficina para ajustar pedais, banco e outros detalhes do Porsche 907. O carro havia participado da 24 Horas de Le Mans e de lá, segundo Wicky, foi para Stuttgart para uma revisão geral. O carro estava imundo e aproveitamos para limpá-lo. Seguimos para o circuito de rua, o mesmo traçado do ano anterior.

Norman saiu para “pegar a mão” da pista e, para espanto de todos, estabeleceu um incrível recorde de volta — os cronometristas erraram nosso tempo em 10 segundos. Girão pediu para ficarmos calados e André Wicky pediu uma reunião conosco. Ele se entusiasmou tanto que queria mudar as cláusulas do nosso contrato para ficar com o prêmio de chegada, caso houvesse. Neguei e disse-lhe que o direito do prêmio era do Automóvel Clube de Huambo, que havia alugado o carro. No segundo treino, encurtamos a relação de câmbio e melhoramos o nosso tempo real, ficando em quinto lugar no grid, em meio a alguns veículos de maior cilindrada.



O Porsche 907 de Jan Balder/Norman Casari: quinto lugar no grid. À direita, o cartaz promocional da 6 Horas de Nova Lisboa.



Na volta de apresentação, o pneu traseiro vazou e a equipe o encheu com um produto de vedação, novidade na época. Norman largou muito bem, mantendo a quinta posição e sendo o melhor Porsche na corrida. Depois, assumi o volante e, com quase metade da prova, começou a jorrar óleo no pára-brisa. A luz de pressão começou a acender e parei no box. O reparo foi feito com uma cola no radiador, e era difícil acreditar que vedasse em dia de forte calor. Mas o robusto motor resistia bravamente e continuei na corrida, tentando recuperar a quinta posição.

O suave ruído do motor de 2 litros e 4 comandos girando a 8.000 rpm (limite estabelecido pela equipe) era muito agradável. O câmbio de 5 marchas era de engate curto e rápido, e os freios eram ótimos para aquele circuito de baixa velocidade que exigia muitas freadas. Não acreditava que estava sentado em um Porsche puro-sangue de corridas.

Lá pelas tantas, na curva mais lenta do circuito, feita em primeira marcha, o carro deu uma ligeira atravessada, apontou com o pneu de dentro para a ponta da guia e bati. Resultado: pneu murcho, barra da direção quebrada e, pior, o volante de direção girou na minha mão e meu dedo virou uma bola. Doía bastante e me arrastei até o box, onde constatei que o pneu traseiro (o mesmo que murchara na largada) também estava “no chão”. Isso explicava a saída de trajetória naquela curva. Fiquei chateado porque o Norman havia andado o fino e eu joguei a corrida fora. Ficou a enorme satisfação — e a saudade — de pilotar o Porsche 907. ■

Jan Balder foi piloto, construtor de carros de corrida, chefe de equipe e jornalista. É autor do livro “Nos bastidores do automobilismo — Por que tantas vezes campeão?”.